

CULTURA ILHADA: IMPRENSA E REVOLUÇÃO CUBANA

Insulated Culture: the press and the Cuban Revolution

Mariana Martins Villaça*

MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)*. Prefácio de Maria Ligia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003. 215 p.

Resultado de uma extensa pesquisa de Mestrado, realizada sob a orientação da Prof.^a Maria Ligia Coelho Prado, *Cultura ilhada* é a versão adaptada da Dissertação de Mestrado defendida pela autora em dezembro de 2000, no Departamento de História da FFLCH-USP, e publicada com o apoio da Fapesp.

Assumindo a imprensa como objeto de estudo, a autora insere sua pesquisa na interseção dos campos da história política e da história das idéias, na perspectiva de compreender as inter-relações do suplemento literário cubano *Lunes de Revolución* com a política cultural vigente após 1959. Na tradição de pesquisas exemplares sobre ideologia e imprensa¹, o trabalho de Sílvia Miskulin tem o mérito de oferecer ao leitor uma janela através da qual se desvelam os rumos tomados pela Revolução Cubana, suas contradições e tensões internas, as esperanças atreladas às novas perspectivas, os dilemas políticos e o choque de projetos ideológicos. O lugar do intelectual nesse cenário, perpassado por debates explícitos ou silenciados, é a questão de fundo presente em todo o eixo do trabalho.

Assim, a obra é centrada na análise desse suplemento, cujo nome se explica por sua edição às segundas-feiras, como encarte do jornal *Revolución*, sendo publicado entre março de 1959 e novembro de 1961. Cabe esclarecer que este jornal ao qual o suplemento pertencia, *Revolución*, era a principal publicação do Movimento 26 de Julho (M-26) – grupo criado em 1956 e do qual faziam parte Fidel Castro, Che Guevara, Carlos Franqui e os demais “guerrilheiros históricos”

* Mestre e doutoranda em História na USP.

1 São referências os seguintes estudos: CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Ligia Coelho. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980. CAPELATO, M. H. R. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

que empreenderam a derrocada do governo ditatorial de Fulgêncio Batista (1952-1959) ao liderarem o Exército Rebelde. Essa luta, inicialmente, não contou com o apoio dos comunistas, que em Cuba se organizavam nas fileiras do clandestino PSP – Partido Socialista Popular. Fiel às orientações proferidas pelo XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, o PSP era contrário à luta armada, vislumbrando a via pacífica como o melhor caminho, nas nações ainda despreparadas para a Revolução. Tal postura foi assim sustentada até 1958, ano em que a iminência da derrubada de Batista estimulou o apoio do PSP à guerrilha que se alastrava pela Ilha.

Esse histórico, que nos é apresentado no primeiro capítulo, nos ajuda a compreender que ideologicamente, ainda que aliados, o M-26 e o PSP nutriam certas divergências, as quais, mesmo após o êxito da Revolução, se fazem sentir em diversos pontos do programa do novo governo, inclusive na definição da política cultural que passa a ser empreendida. Nesse contexto, a discordância em torno da questão do “internacionalismo” proposta pelos dirigentes ligados ao M-26, e encaminhada por intermédio de ações de solidariedade, treinamento para a luta armada e outras formas de auxílio a países do Terceiro Mundo, sofria a oposição dos comunistas defensores da concepção do “socialismo em um só país” assumida pelo PSP. A autora nos mostra que essa divergência política alcança o meio cultural e *Lunes*, vinculado ao jornal *Revolución*, também se torna palco das discussões sobre os rumos ideais que o novo governo deveria tomar em relação a questões internas e externas.

A autora nos evidencia, nesse sentido, conflitos entre os setores comunistas e os editores do suplemento, principalmente após o governo cubano declarar que a Revolução tornava-se socialista, em abril de 1961, e incorporar de forma mais significativa os membros do PSP em suas instâncias. Esses e outros dados vão se configurando, no livro, como pistas para o desvendamento das causas que levaram à deliberada extinção de um suplemento de alta qualidade, que contava com ilustres colaboradores, apresentava temáticas originais, e se traduzia num espaço de debate respeitado pelos intelectuais cubanos. A autora nos leva a perceber que “As polêmicas que se manifestavam em *Lunes* não eram travadas apenas nas publicações periódicas, mas relacionavam-se com uma busca de espaço no meio cultural cubano”.² E sendo assim, o processo político que resultou na concessão de mais espaço aos setores vinculados à URSS (que se convertera na tábua de salvação econômica de um país em crise)

2 MISKULIN, Silvia Cezar. *Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)*. São Paulo: Xamã, 2003. p. 190.

traz, como consequência, a adoção de parâmetros ideológicos, no meio cultural, condizentes com a orientação soviética.

Em sua breve e intensa trajetória, *Lunes*, sob a direção do renomado escritor Guillermo Cabrera Infante, contribuiu para a divulgação da literatura cubana e se caracterizou pela abertura aos mais variados temas, revelada na descrição da autora:

Lunes editou textos culturais e políticos, abriu espaço para obras ficcionais, ensaios, análises históricas, registros de eventos contemporâneos, de Cuba e do mundo. Dentre seus objetivos, estava a publicação das vanguardas, imbuído do propósito de tornar a cultura universal acessível à população cubana.³

Freud, Sartre, Picasso, Breton, Trostki, Lefebvre, Mao, Neruda, Maiakovski, Ginsberg, Borges, dentre outros ícones da história política e cultural contemporânea, figuraram nas páginas de *Lunes*, resenhados, reproduzidos ou comentados. Num contexto em que a simples menção desses nomes já desencadeava um sentido provocador, uma vez que mais de um deles pronunciara-se criticamente em relação aos rumos tomados pelo governo vigente, não é difícil imaginar a razão da brevidade da existência desse suplemento, fechado em 1961.

O ecletismo presente na lista de estrangeiros aos quais *Lunes* dedicou espaço abarcava também personalidades e temas nacionais. Figuras *non gratas* da literatura, como Virgílio Piñera, escritores ousados como Edmundo Desnoes, Antón Arrufat, Cabrera Infante, “herméticos” artistas plásticos modernistas, além da abordagem de assuntos delicados como a misteriosa morte do guerrilheiro Camilo Cienfuegos são revisitados pela autora, que faz uma análise minuciosa da repercussão de tais reportagens a partir de depoimentos de ex-colaboradores, artigos e fontes de época que contribuem para a reconstituição desse ambiente.

Sendo esse um suplemento bastante “rebelde” não apenas na seleção do conteúdo, o livro nos mostra, principalmente em seu quarto capítulo, que, em termos formais, *Lunes* também ousava: do R ao contrário, criado por Jacques Bronté (diretor artístico francês, com experiência em revistas surrealistas) como logotipo da publicação, ao layout inovador de sua páginas (com muitas imagens, caricaturas, desenhos, letras de tipografia e tamanhos variados, disposição

3 MISKULIN, op. cit., p. 38.

inusual dos textos, e outras experimentações gráficas), das quais temos saborosas amostras por meio das reproduções que ilustram os capítulos, *Lunes* oferece um amplo material de análise que é rigorosamente explorado pela autora.

Curiosamente – e talvez resida aqui a principal riqueza desse objeto – apesar do pouco enquadramento de *Lunes* aos moldes de um jornal oficialmente “engajado”, engana-se o leitor que esperará desse suplemento uma postura contra-revolucionária. No segundo capítulo, Silvia Miskulin nos revela o empenho dos editores na afirmação da defesa da revolução e na conclamação aos intelectuais, a que encampasse a mesma disposição. Também em relação à política internacional, o suplemento endossa a solidariedade que marca a linha adotada pelo governo em relação às lutas anticoloniais vigentes: Argélia, Guatemala e Porto Rico são alguns dos países cujos conflitos são cobertos e analisados em edições especiais.

A inclusão de temas externos e eminentemente políticos, por um suplemento literário-cultural, é comentada em alguns depoimentos de ex-colaboradores. Estes, de forma geral, atestam que tais números monográficos cumpriam uma função de resposta àqueles que acusavam o suplemento de ser contra-revolucionário, e por vezes, tais edições resultavam de solicitações externas à sua direção. Assim, *Cultura ilhada* problematiza a relação entre *Lunes* e os setores governamentais, mostrando os limites e fronteiras com os quais lidavam seus editores, numa relação de complexo jogo político.

O capítulo seguinte é dedicado ao inventário das principais revistas do meio literário cubano das quais os colaboradores de *Lunes* herdaram estilos, posturas – e muitas polêmicas. Em destaque, as revistas *Orígenes* (1944-1956) e *Ciclón* (1955-1957;1959), em relação às quais a autora nos apresenta o surgimento, o projeto e o papel assumido por cada uma no cenário político-cultural e na própria conformação de *Lunes*. A cuidada contextualização histórica desse ambiente intelectual proveniente de um passado recente situa o leitor no panorama das disputas literárias remanescentes, celebrizadas por intelectuais que as personificam e alimentam. Nesse sentido, enquanto a vertente católica e poética de *Orígenes* manifestava-se por meio da voz do escritor e poeta Lezama Lima, *Ciclón* lhe combatia empunhando a bandeira do cosmopolitismo por meio dos escritos contundentes de seu “adversário”, Virgílio Piñera, posterior colaborador fundamental de *Lunes*.

As disputas envolvendo posturas e preferências formais entre essas revistas são engendradas por distintas concepções da cultura nacional e da relação do intelectual com a sociedade. Esse último aspecto é também explorado pela autora nesse terceiro capítulo, a partir da discussão sobre “engajamento”

que a obra e a visita de Sartre a Cuba desencadeiam no campo cultural e, especificamente, no meio literário. Prosseguindo pela vereda dessa problematização, o quarto capítulo contrapõe o já mencionado ecletismo de *Lunes* à concepção de política cultural embasada pelo realismo socialista oficialmente referendado.

O último capítulo percorre o processo que resultou no fechamento de *Lunes*, evidenciando as críticas que eram lançadas, principalmente por intelectuais ligados ao PSP, a partir de argumentos como o alcance restrito do suplemento (considerado inacessível ao povo cubano), o antinacionalismo manifesto no enfoque de correntes literárias estrangeiras e/ou a falta de sincronia com as necessidades da revolução. No desenrolar desse processo, fica patente a inserção de *Lunes* na dinâmica da disputa política travada no meio cultural, uma vez que é a proibição de um filme (o curta-metragem *P.M.*, sobre a boemia havaneira, de Sabá Cabrera Infante e Orlando Jiménez-Leal) que detona uma grande polêmica acerca da liberdade de criação, encerrada por pronunciamentos de Fidel – suas célebres “Palabras a los intelectuales”, de junho de 1961 – que oficializam o cerceamento à liberdade de expressão até então tolerada, atingindo diretamente o suplemento.

Nesse momento, delineiam-se princípios da política cultural que incidirão sobre todo o campo artístico e intelectual, determinando a obrigatoriedade de que as produções visassem a conscientização política em prol da defesa de Cuba e da cultura nacional, a abordagem de temas de interesse e acesso por parte do povo cubano, e a submissão de toda e qualquer obra a organismos representativos, subordinados ao *Consejo Nacional de Cultura*, e encarregados de avaliar sua adequação às “necessidades da Revolução”. Como forma de viabilizar tais determinações, pouco antes do fechamento de *Lunes*, ocorre o *Primer Congreso Nacional de Escritores y Artistas* (agosto de 1961), no qual são anunciamadas a prioridade de esforços em prol da Campanha de Alfabetização e a criação da UNEAC – *Unión de Escritores y Artistas de Cuba*, entidade que passa a atuar, no sentido da avaliação e da seleção requeridas pelo governo, no meio artístico-literário.

Em novembro de 1961, após um último número dedicado a Picasso, *Lunes* deixa de existir, e a análise pormenorizada desse “melancólico desfecho” (parafraseando a autora) se encerra com um breve panorama dos rumos tomados por seus colaboradores que, após décadas decorridas, tecem suas avaliações acerca do papel que desempenhou esse suplemento no cenário cultural cubano.

Nas “Considerações Finais”, a autora retoma os principais pontos de sua análise e faz uma interessante analogia, enfatizando a interação de forma e conteúdo que sintetiza a essência do suplemento: “O *Manifesto por uma arte*

revolucionária independente, de Breton e Trostki foi não só publicado, mas expressou-se na política cultural delineada em *Lunes*".⁴

Em se tratando da síntese dessa pesquisa de grande fôlego, uma pequena ressalva faríamos quanto às considerações feitas pela autora em relação aos setores intelectuais identificados como a contraface da política cultural que se esboça em *Lunes*, quais sejam: aqueles vinculados ao PSP (que geralmente se manifestavam no periódico *Hoy*), ao *Consejo Nacional de Cultura* e ao ICAIC – *Instituto Cubano de Arte e Industria Cinematográficos* (instituto do qual partiu a polêmica em torno do curta-metragem *P.M.*). Talvez a inclusão do ICAIC neste grupo merecesse maior problematização, uma vez que internamente, também nesse Instituto, proliferaram, desde sua fundação em 1959, tensões e divergências acirradas (veladas ou não), inclusive em torno da proibição do curta que serviu como pretexto para o acirramento do controle do governo sobre a cultura e para o próprio fechamento de *Lunes* .

O ICAIC, pensado como um instituto pluriforme, no qual o consenso nunca reinou, instituiu com o governo cubano, seu próprio jogo político de “adesão e resistência” às regras formal e informalmente estabelecidas. Considerar a existência desse jogo, que se insinua por meio de posicionamentos de seus membros diante do caso *P.M.*, e no teor das críticas a *Lunes*, assim como nuançar a posição do ICAIC dentro do cenário político-cultural cubano seriam enfoques que, a nosso ver, enriqueceriam ainda mais o trabalho. Essa, entretanto, não passa de uma questão secundária numa pesquisa, que de forma exemplar, dá conta brilhantemente de uma série de problemas que inclusive, extrapolam as exigências estritas da abordagem pretendida.

Finalizando, reiteramos a clareza do texto, o rigor da pesquisa e a grande contribuição que, numa perspectiva ampliada, *Cultura ilhada* representa para o campo de estudos sobre política e cultura na América Latina, através da esmiuçada análise do “jornalismo vivo, ágil, atrevido e moderno”⁵ assumido intensamente por *Lunes* na complexa efervescência dos anos que se seguiram à Revolução cubana.

4 Ibid., p. 195.

5 Assim caracterizado o perfil de *Lunes* pelo controvertido poeta Nicolás Guillén. Ibid, p. 164.